

## ***Roberto Freire: uma história de amor e anarquia.***

Artigo publicado na Revista Utopia - Periódico Libertário de Portugal, 2008

A revista **Utopia** teve a oportunidade de entrevistar o nosso amigo e companheiro libertário **Roberto Freire**. A sua experiência é extremamente rica na construção do ideal anarquista no Brasil. Na actualidade, num contexto de intervenção muito específica – SOMA - Uma Terapia Anarquista - pode-se descortinar das suas posições. O seu percurso histórico é elucidativo. Sempre pautou a sua vida em prol da liberdade e da emancipação social, não obstante, verificarmos que as suas teorias e práticas não sejam bem compreendidas por algumas correntes do movimento libertário.

A entrevista foi conduzida por **José Maria Carvalho Ferreira**.

**UTOPIA** - No quadro da história da sua vida, enquanto pessoa que começa a ter capacidade crítica relativamente à sociedade em que vivemos, quais são os aspectos que foram para si mais influentes para essa determinação?

**ROBERTO FREIRE** - Em primeiro lugar precisei de me livrar da minha formação burguesa e me livrar da minha obrigação de exercer medicina. A coisa foi feita pela minha família que tinha muitos médicos, professores, quer ainda por avós, tios e outras pessoas. Eu fui, pois, levado a ser um médico. Tentei sê-lo para fazer a vontade deles, mas também aproveitei para fazer uma formação científica boa. Adquiri conhecimentos científicos do homem bastante grandes, mas não me interessei muito pela medicina em si, embora houvesse dentro de mim uma paixão pela observação do comportamento das pessoas que me levava a uma certa inveja dos escritores e uma certa vontade de poder escrever como os autores que eu lia.

A política, eu a via do ponto de vista partidário e logo a detestei desde o início da minha vida. Eu participei, durante essa minha formação, em duas ditaduras muito longas. A primeira a de Getúlio Vargas que durou 15 anos e logo mais tarde a segunda, a dos militares que durou outros 15 anos. Eu tenho 70 anos, hoje, e metade da minha vida foi vivida num quadro de ditaduras muito violentas. A do Getúlio Vargas foi muito mais violenta que a dos militares. Mas o Brasil não faz memória da sua história. As coisas vão sendo esquecidas, mas é um facto que foram terríveis.

Eu era um estudante secundarista e comecei a ter consciência da necessidade de liberdade quando a perdemos. Eu era estudante e não tínhamos liberdade de ler, de participar das coisas e eu me lembro de muitas correrias pelas ruas, fugindo da polícia. As nossas escolas eram invadidas para prender um professor ou um aluno. Enquanto tudo isto se passava, em minha casa parecia que não tinha acontecido nada, porque eles tinham aderido à vida burguesa e aos governos autoritários. Começou a existir um conflito dentro de mim e uma diferença de visão do que devia de ser a vida social. Eles tinham uma visão de crescimento, de opulência, de riqueza, enquanto eu tinha uma necessidade de aprofundar meus conhecimentos. Eu queria entender melhor, eu sentia uma grande paixão pelo conhecimento, mas ainda não tinha despontado em mim uma capacidade crítica. Eu sofria a violência das ditaduras. Eu tinha muita raiva da polícia, do exército, do ditador, mas aquilo era uma coisa acima das minhas forças. A coisa começou a ficar mais profunda, a minha consciência tornou-se mais clara quando eu me formei em medicina e ganhei uma bolsa da UNESCO e fui continuar os meus estudos de pesquisa, abandonando a parte clínica. Eu fui fazer pesquisa no "Collège de France"

em Paris. Aí eu fiz uma formação com um pesquisador extraordinário. O "Collège de France" era a escola de Claude Bernard. A metodologia científica da pesquisa, eu a conheci muito de perto. Eu fazia pesquisa sobre a condução nervosa. Eu trabalhava no Brasil, no Instituto de Biofísica com o professor Carlos Chagas Filho e ele estudava o peixe eléctrico, que tem no seu corpo verdadeiros condensadores. É um material de pesquisa extraordinário.

Chegando a Paris eu tive uma explosão. A ciência sempre me interessou. O aprendizado no "Collège de France" foi uma coisa maravilhosa, mas eu percebi que o meu tempo era maior. Havia espaço para muitas outras coisas. Por coincidência fui morar num hotel onde morava um brasileiro que fazia teatro, e também pessoas que estudavam teatro. Começaram a levar-me, a conhecer o campo das artes. Eu comecei a frequentar o teatro, a fazer parte de muitas discussões sobre arte e cultura com essas pessoas, principalmente Sabato Magaldi, um grande estudioso de teatro e que recentemente foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, um dos maiores críticos de teatro que o Brasil já teve. Naquela altura ele estava a fazer cursos na *Sorbonne* sobre cultura teatral. Mas eram muitas pessoas. Eu comecei a frequentar teatros e fui enveredando pelo mundo da arte e da cultura. E nesse mundo eu percebi uma crítica muito maior à organização do Estado, ao funcionamento da sociedade. Alguns autores que comecei a ler e a frequentar peças deles, como Bertolt Brecht, foram um dos primeiros contactos críticos em relação à organização social, e viriam a revelar-se muito importantes. Eu já tinha lido Marx - sobretudo o *O Capital* - e outros autores que criticavam o capitalismo. Longe da minha família, longe do meio onde tinha sido formado, daquele mundo burguês, eu comecei a formar uma consciência socialista com a convivência em Paris.

**UTOPIA** - Depois o Roberto volta ao Brasil e, segundo me parece, passa a ter uma relação estreita com o Partido Comunista. É correcta esta afirmação ou não?

**ROBERTO FREIRE** - Há uma coisa que é muito curiosa que é o facto de que nunca aceitei o Partido Comunista. As ideias marxistas chegavam a mim e eu achava-as interessantes. A análise do Marx sobre o capitalismo eu a achava muito curiosa. Mas quando começava a ler as propostas do marxismo para uma organização social nova eu tinha críticas, eu sentia o ranço autoritário.

Quando eu voltei ao Brasil, casei. O meu pai morreu e eu não podia continuar a fazer pesquisas, tinha que ir trabalhar para sustentar a minha família, a antiga e a nova. Foi uma vida muito dura. Tive de reaprender a clínica. A medicina teria de ser o meu socorro. Eu arranjei emprego e fui médico de fábricas. Foi um período onde eu conheci o proletariado. Foi um período em que eu pude entender a crise entre o capital e o trabalho. Ali a teoria marxista começou a se formar e a crítica social a aparecer mais activa. Logo a seguir, comecei a fazer teatro, comecei a sentir uma grande vontade de escrever. O meu pai tinha morrido e percebi que era ele que me bloqueava a criação literária e artística. Aí escrevi a minha primeira peça porque eu já estava ligado ao Teatro Arena de São Paulo, um teatro que produziu uma revolução. O Teatro Arena foi o primeiro teatro do Brasil que introduziu a questão do operariado, foi a primeira vez que um operário se tornou protagonista. Até aí os operários não iam à cena, porque estava invadida pela burguesia.

A minha primeira peça chamava-se "Quarto de Empregada". Coloquei duas empregadas domésticas como sendo as actrizes principais. Praticamente antes as empregadas

domésticas só passavam o pano de pó, atendiam chamadas, etc. Eu coloquei o problema da doméstica no Brasil como algo principal e ainda por cima junto com o pessoal do Teatro Arena. Eu me incorporei nesse grupo. De manhã trabalhava na fábrica enfrentando o problema do proletariado, colocando os conhecimentos marxistas na prática, permitindo práticas de um socialismo que eu nem sabia bem o que era. Até que um dia caíu nas minhas mãos Bakunine, isto em finais da década 50, início dos anos 60. Quando comecei a ler Bakunine eu já tinha percebido que o meu socialismo era anarquista e que não era marxista, porque eu não tolerava o autoritarismo, na organização de um Estado autoritário, etc. E o Bakunine combatia isso. A partir daí comecei a estudar, a estudar anarquismo. Comecei a frequentar o Centro de Cultura Social. Comecei a ter amigos anarquistas. Até aí os meus amigos eram todos marxistas, naquela época tínhamos discussões terríveis. Discutíamos muito, nós produzíamos juntos teatro, mas a minha formação era diferente da deles. Foi a partir daí que comecei a produzir teatro, a me envolver na medicina social. Senti que eu precisava de ter uma acção política mais séria. Achava que o teatro era pouco.

No fim dos anos 50 eu me apaixonei pela psicanálise. Comecei a ler coisas de Freud, que eu não percebia muito bem, mas que achava que aquilo tinha uma profundidade muito grande, uma seriedade imensa. Achei que era uma revolução incrível dentro da psicologia da época. Quando eu li sobre a descoberta do inconsciente, quando eu vi colocar a questão da sexualidade na infância, a importância que Freud dava à libido na primeira infância, achei tudo isto muito revolucionário. Abri um consultório para trabalhar à tarde e de manhã trabalhava na fábrica para sustentar a minha família (já tinha entretanto resolvido o problema da minha mãe e irmãos). A minha mulher ajudava-me, ela também era médica e já tínhamos dois filhos. Então eu pude começar a pagar a minha formação de psicanalista. Foi uma formação caríssima. Tudo o que eu ganhava ia para as mãos do meu analista vienense. Confesso que foi uma das formações mais difíceis, porque eu não consegui entender as ideias de Freud. A descoberta científica dele era perfeita, mas o seu aparato nunca consegui entender.

**UTOPIA** - Sei que foi vítima da ditadura e que começou a ser escritor. É após a ditadura que passa a ser escritor? Nos anos 50 ou noutro período histórico?

**ROBERTO FREIRE** - Eu larguei a psicanálise e comecei a fazer críticas pelo elitismo da psicanálise, por ser muito cara, por ser só para clientes ricos. Comecei a perceber que os meus clientes eram todos ricos, enviados pela sociedade de psicanálise e eu não queria viver muito rico. Assim, em 1962, rompi com a psicanálise e fui procurar trabalho em jornalismo e até criei um jornal *Cléo e Daniel*. Foi um jornal fortíssimo, muito corajoso, que naquela época, feito com em conjunto com os padres dominicanos que exerciam uma influência muito grande na oposição de esquerda na política brasileira.

Agora eu não era mais médico nem psicanalista. Queria ir para a acção, não queria ser um espectador, queria ser um lutador, um jornalista. Escrevi um romance difícil de ser publicado, chama-se *Cléo e Daniel* que acabaria por ser publicado, em 1966, e foi o ponto de partida para o resto da minha vida. Mas voltando um pouco atrás. O jornal que eu tinha feito era muito violento, era contra a organização política do Estado. Denunciávamos tudo isso no jornal quando veio o Golpe Militar de 1964.

Antes disso, quando larguei a medicina e a psicanálise eu me envolvi com anarquistas

no sentido de saber se eles estavam contra uma intervenção armada, contra uma luta armada. Senti algum desespero porque eles não queriam a luta armada. Procurei alguns companheiros marxistas e não marxistas. Estavam nessa altura a organizar a Acção Popular, que nasceu da Acção Católica Marxista-Leninista (da Juventude da Universidade Católica). Mas nessa transição, que não era ainda comunista (eu não me queria juntar ao PC), com esse grupo da Acção Popular, nós começámos a fazer um trabalho de consciencialização da juventude sobre a possibilidade do golpe militar. De repente veio mesmo o golpe militar, mais cedo do que nós esperávamos. Estávamos à espera que fosse lá para Maio ou Junho, mas foi em Março. As primeiras coisas que eles fizeram foi invadir e destruir o jornal, e eu fui preso logo de seguida e os meus colegas também.

Começaram uma perseguição muito grande às pessoas que militavam nessas organizações. Eu já estava casado, tinha filhos e foi uma vida horrível, porque enquanto que na primeira ditadura só se tinham incidentes na rua, agora não. Eles achavam que nós éramos o inimigo, todos os que reagiam contra a ditadura eram considerados comunistas. Como eles queriam ter o apoio norte-americano, quer para armas, quer para comprar navios, quer para obter dinheiro, então para isso acontecer, eles precisavam de dizer que estavam a combater os comunistas. Na realidade, o então Presidente da República estava a fazer uma abertura social, propondo uma reforma agrária, coisas que tinham a ver com o socialismo, mas não era comunista, era latifundiário, era um homem contraditório. A juventude é que queria mesmo o socialismo.

Fui sendo preso e solto várias vezes, pensando eles que quando me soltavam eu iria ter com os companheiros. Continuei trabalhando fazendo teatro. Escrevi o romance em 1966, depois de uma prisão terrível, em que perdi o controle emocional. Não podia procurar nenhum psicólogo nem psiquiatra, porque nenhum deles declarava a sua ideologia. Se eu procurasse um para lhe dizer que estava a ser torturado pela polícia, logo eles pegariam no telefone e me denunciariam. Naquela época havia uma paranóia terrível, pais que entregavam filhos, filhos que entregavam pais, namorados entregavam a namorada e vice versa. Era uma coisa muito perigosa. Foi nessa altura que me deu a ideia de que devia existir uma psicologia socialista, ao serviço dos homens socialistas, para que estes tivessem com quem conversar quando precisassem.

Eu passei por 12 prisões e por quase todos os tipos de tortura. Mas há uma tortura que me marcou bastante e viria a deixar lesões para toda a vida, foram os chamados "telefonemas", eram as pancadas que eles nos davam nos dois ouvidos em simultâneo com as duas mãos. Faziam isso 10 a 12 vezes ao dia e era horrível. Era uma dor lacinante, caíamos logo. Devido a isso as minhas duas retinas ficaram deslocadas anos a fio. Dez anos depois viriam mesmo a cair. Uma vista já não vê e a outra está muito mal.

As torturas foram fáceis de enfrentar, foi uma luta muito grande, longe da minha família não sabendo nada deles nem eles de mim. Mas havia todo um heroísmo, porque acreditávamos que estávamos a lutar pela liberdade, contra a ditadura. Eu produzi muito nessa época e aprofundei muito os meus conhecimentos, a minha cultura libertária foi sendo feita nessas prisões, nesses contactos e acabou por ser a minha arma também.

**UTOPIA** - De entre os livros que produziu, quais os que foram mais importantes nesse período?

**ROBERTO FREIRE** - Nesse período eu não escrevi muito. Saiu o *Cléo e Daniel* que teve um sucesso incrível. Mas, infelizmente eu era roubado por uma editora marxista que não me pagava direito. Eles tiravam 50 mil exemplares e diziam-me que tinham tirado só 5 mil. Só fazia jornalismo nessa altura. Havia uma grande lista de subversivos. Se um patrão desse emprego para um jovem subversivo passava também a ser responsável. Assim, nenhum patrão dava emprego. Eu só conseguia sobreviver porque minha mulher era médica e ela trabalhava. Eu mandava artigos para um amigo meu, Samuel Viner, que conseguiu publicar artigos meus com pseudónimo e me pagava por fora. A minha sobrevivência era muito difícil. O livro que saiu era um livro muito estranho porque não falava de política, não se podia. Eu o escrevi na cadeia em folhas de jornal que mandava a minha mulher, que depois as mandava dactilografar. Fiz um livro sobre o amor. Dizendo que o amor era impossível no Brasil. Fiz um Romeu e Julieta. Era a visão política da sociedade brasileira que estava a acabar com o amor. Este livro mexeu muito com a juventude. Ainda hoje vende como vendeu em 1964 e 1965. Ele mexeu muito com o lado da injustiça social.

O livro que veio em seguida foi *Utopia e Paixão*. É um livro que escrevi quando me caíram as duas retinas, estava cego no hospital. Então eu conversava com um amigo meu que ia gravando as conversas sem eu saber. Mais tarde me deu as fitas a partir das quais eu fiz o livro. É um livrinho onde comecei o meu trabalho de comunicação libertária anarquista.

**UTOPIA** - Em que ano é que esse livro saiu?

**ROBERTO FREIRE** - No início dos anos 70.

**UTOPIA** - Na sua abertura para a perspectiva libertária anarquista, esse livro é o começo de toda a transformação do seu pensamento libertário?

**ROBERTO FREIRE** - Há um outro livro que eu escrevi onde fiz a primeira declaração pública aberta da minha opção anarquista. Onde expliquei o que era o anarquismo para a população. Chama-se: *Viva eu, viva tu, viva o rabo de tatu*. Já o retirei entretanto de circulação porque considero que já está ultrapassado. Foi a partir daí que rompi com todos os meus companheiros marxistas. O livro *Utopia e Paixão* só veio depois. Daí em diante todos os meus livros são exclusivamente anarquistas, têm histórias, assuntos variados, mas o objectivo, a base, é a discussão sobre o socialismo libertário.

**UTOPIA** - Concretamente quando é que consegue formar a SOMA em vários estados do Brasil?

**ROBERTO FREIRE** - A SOMA teve um momento preciso. Foi em 1970. Na minha formação para ser psicanalista nunca me falaram de Wilhelm Reich. Foi simplesmente omitido, para eles nunca existiu. Depois de 1970, eu estava na Europa, por razões políticas, para fazer contactos políticos (eu nunca fugi do país com medo da acção política). Saí do país para trazer coisas boas. Sempre que saí foi para estabelecer contactos e arranjar dinheiro, comprar armas para sustentar a revolução contra os militares.

Estava na Europa e fui assistir a um espectáculo de teatro, porque eu continuava a gostar de teatro. Mesmo durante a ditadura eu criei com os estudantes da Universidade

Católica um teatro, no qual montámos uma peça de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*. Para o efeito, eu peguei um estudante de arquitectura e pedi para me musicar um poema, e esse menino chamava-se Chico Buarque de Holanda. Foi um sucesso imenso no Brasil, foi um grande desafio. As críticas que os militares faziam aos jovens!!! O espectáculo foi de uma criatividade imensa. Fomos a vários países e mesmo a Portugal (Lisboa, Sintra e Porto). Em França ganhámos o Festival Internacional de Nancy. Foi uma das experiências mais ricas que tive. Essas representações abriam espaço para discutirmos política. A peça de então falava sobre a miséria. Em Portugal estava-se na época do Salazar. Os estudantes portugueses iam ao teatro e o espectáculo acabava sempre com a invasão da polícia, porque se falava contra o Salazar, falava-se contra o que se queria. A censura não podia fazer nada. Fiz uma peça sem palavras em que se percebia que era uma crítica contra a ditadura, demonstrava-se o conflito entre o fonema "A" que é aberto e o fonema "O" que é fechado. Os reaccionários eram os "O" e os estudantes eram os "A". A peça era uma espécie de expressão cultural que quase não se fazia no Brasil. Foi um sucesso fantástico, com músicas também de Chico Buarque.

Voltando atrás, eu estava na Europa e fui ver um espectáculo de Living Theatre dirigido por Julien Beck . Era um teatro anarquista norte-americano que não ficou nos Estados Unidos porque não queria pagar impostos. Saiu pelo mundo fazendo um sucesso tremendo, porque actuava de uma forma completamente revolucionária. Eu fiquei fascinado. Fui então entrevistar o Julien Beck e disse-me que a sua arte de representar era simples porque eles estudavam Wilhelm Reich. Eu perguntei quem era, e ele respondeu-me que era um psicanalista dissidente e discípulo de Freud. Levou-me para casa dele e deu-me a ler uma série de livros de Wilhelm Reich e outros. Comecei então a estudá-lo em pormenor mesmo na Europa pela mão de um director de teatro. Fiquei completamente fascinado e comecei a estudar toda a psicologia daquela época e percebi que não tinha conhecido nada igual. Li muito, voltei para o Brasil e fui ver se havia algum trabalho sobre Wilhelm Reich. Não havia nada no Brasil, aliás havia muito pouca coisa sobre a bioenergética.

Decidi então criar uma técnica, uma prática terapêutica que pudesse ser útil, sobretudo, à juventude e sobretudo ser útil a quem tem uma visão crítica do capitalismo gerador de neuroses. Foram então mais 10 ou 12 anos de estudos e pesquisas, após os quais comecei a praticar a técnica com estudantes de psicologia. Fiz então um grupo de terapia. A SOMA é basicamente isso, uma técnica derivada da obra de Wilhelm Reich. É uma terapia que acredita que a neurose vem de fora para dentro, ou seja, nós somos neurotizados pela sociedade, na luta de poderes que se estabelece entre nós e as pessoas da nossa família, as pessoas da nossa escola, da sociedade, numa luta ideológica permanente. O desejo de liberdade e autonomia é essencial ao ser humano. Mas para manter o controle social autoritário, as pessoas são castradas nesse desejo de liberdade, de autonomia. Nessa luta os que perdem ficam neuróticos. Comecei então a fazer terapia grupal. Só de grupo, e não individual, porque o Reich dizia que se a neurose é um produto social, então para uma pessoa se libertar disso tem que ser dentro de um grupo social. A relação individual é insuficiente para se perceber o fenómeno social da génese da neurose. Todavia, e isto é também importante, não me fiquei apenas por Reich. Analisei também Frederic Perls, ex-psicanalista analisado por Reich que foi para a África do Sul criar um Centro de psicanálise, mas que desistiu. Casou com uma física que trabalhava na *Gestalt*, nos estudos de *Gestalt* física. Ele começou a estudar com ela e teve uma intuição maravilhosa em perceber que se não se souber organizar as *Gestalts* psicológicas, como se consegue organizar as físicas, então a pessoa não consegue

equilibrar-se, as pessoas desequilibram-se, perdendo o controle *gestalt* da sua existência cotidiana. A *Gestalt*, segundo os físicos é um estado de atenção selectiva. Por exemplo, no lado psicológico, se se está a ver uma paisagem só com mar e céu, a sua atenção vai só para o mar e o céu. Se surge de repente um barco a figura da sua atenção fica no barco, o resto é o "fundo" que fica em segundo lugar. Quando o barco passa, a figura da sua atenção volta a ser o mar e o céu outra vez. Nós vamos mudando. Vamos dando mais atenção ao que nos interessa. Um neurótico é uma pessoa que perde o controle das *Gestalts*. Por exemplo, alguém que precisa de pagar uma conta e que tem dinheiro, mas não paga a conta; é o caso de alguém que precisa de dizer que ama, mas que não tem coragem, não consegue dizer e fica sofrendo; é alguém que precisa de trabalhar para se sustentar mas que não trabalha.

Através da terapia pode resolver-se as *Gestalts* que estão abertas em cada pessoa, começando por fechar primeiro as que são mais pequenas até se chegar às que são grandes e fechá-las também. A metodologia da *Gestalt* começou a ser utilizada na SOMA, e com essa aplicação constatámos que uma terapia que durava 4 a 5 anos, passou a durar no máximo 1 ano. Foi uma solução metodológica fantástica (1). Depois começámos a estudar a anti-psiquiatria que foi algo descoberto por Gregory Bateson, antropólogo norte-americano que fez pesquisas extraordinárias e que viriam mais tarde a ser disseminadas. Surgiram várias pessoas que passaram a desenvolver a anti-psiquiatria, como David Cooper e Ronald Laing, na Inglaterra, e Franco Bassaglia na Itália. Esse movimento alargou-se mesmo no mundo inteiro, chegando à conclusão que a psiquiatria era uma farsa. Demonstraram que a esquizofrenia pode ser curada, tornando-se assim anti-psiquiatria. Para eles a psiquiatria não trata dos esquizofrênicos, mantem-nos internados com violência, fazem-nos sofrer com múltiplos tratamentos. Na Universidade de Palo Alto, Califórnia, um grupo de especialistas, durante anos, estudaram famílias onde aparecia a esquizofrenia na juventude. A esquizofrenia é algo que é fabricado nos filhos pelos pais através de um mecanismo de fabricação. Este mecanismo é algo defeituoso a que chamamos *Duplo Vínculo*, que consiste na técnica de afirmar e negar em simultâneo, em dizer sim e não, ao mesmo tempo, criando na cabeça das pessoas uma grande confusão que dará lugar a uma forte dependência, porque se as pessoas não percebem, sentem-se incapazes de resolver sozinhas os seus problemas. Fica-se, pois, dependente, o que leva ao desinteresse, angústia e abandono da vida quotidiana.

Nesta universidade da Califórnia associaram-se antropólogos, psicólogos, estudantes de psicologia com o objectivos de analisar um conjunto de famílias com problemas esquizofrênicos. Levaram mesmo os esquizofrênicos para lá e curaram-nos. Ficaram completamente bons, num ano e num quadro de referência de esquizofrenia assinado por psiquiatras de renome. Evitaram aplicar a técnica do *Duplo Vínculo*, de afirmação e negação em simultâneo. Fizeram um tratamento na família para que os pais parassem de aplicar o *Duplo Vínculo*.

Constataram que o *Duplo Vínculo* é a técnica mais eficaz de controlar os filhos: a um filho que é traquina aplica-se o *Duplo Vínculo* e ele fica bonzinho. Porém, não sabem, os pais, é que estão lesando profundamente a vida dos filhos.

Uma outra descoberta maravilhosa foi a de que é o amor o grande responsável por tudo isso. Como exemplo, vejamos uma família que tinha 4 filhos, em que um fica esquizofrênico e os outros 3 não. A educação foi igual para todos. O que é esquizofrênico é o que realmente ama os pais e os pais amam-no muito também. Numa

relação pouco amorosa isso não sucede. Uma relação amorosa, uma dependência afectiva muito grande marca muito, é propiciadora do *Duplo Vínculo*, enquanto sem amor não funciona.

**UTOPIA** - Essas 3 ou 4 grandes "técnicas/teorias revolucionárias", a nível da psicologia, como é que se articulam com a perspectiva anarquista?

**ROBERTO FREIRE** - Estas foram as técnicas psicológicas e faltava mais uma técnica. Mais tarde viria a descobrir mais uma: a massagem bioenergética. Criei exercícios bioenergéticos para mobilizar energia que está estagnada - segundo a teoria reichiana a neurose surge sob a forma de uma couraça. Apliquei 30 e tantos exercícios para isso. Faltava ainda mais um exercício que se revelasse bom fazer durante a terapia, mas essencialmente depois da terapia. Ou seja, o cliente deveria fazê-lo para o resto da vida. Foi quando descobri a "capoeira" de Angola, capoeira mãe, descoberta pelos escravos aqui do Brasil. Descobri que a capoeira era fundamental. A luta de capoeira é uma massagem bioenergética extraordinária. Descobri também que nenhuma terapia é suficientemente boa se não ensina o cliente a lutar, se não prepara a personalidade para enfrentar a vida com um espírito de luta. Sendo a capoeira uma luta e a pessoa sabendo-se capaz de lutar, logo sabendo capoeira, uma pessoa sai pela vida muito mais corajosa, mais preparada para qualquer espécie de luta, física e psicológica. Incorporámos então a capoeira. A prática estava pronta. Faltava o essencial. Faltava não. Já existia desde o início: a consciência política.

**UTOPIA** - O que é que produz o sintoma?

**ROBERTO FREIRE** - O sintoma vem da sociedade, vem das relações humanas, as pessoas adquirem angústia e depressão. Mas o que é que produz a depressão, as fobias? Reich provou que o que provoca isso é o conflito de poder, é o conflito de ter mais força sobre o outro, é o conflito de ter propriedade sobre o outro, de dominar o outro. É o que existe nos sistemas autoritários (monarquia, ditadura e em algumas democracias). É algo que sempre existiu. É preciso que as pessoas tomem consciência que são neurotizadas dentro da "praga" que Reich falava. As pessoas amam seu pai, sua mãe, e estes fazem chantagem com os filhos e dominam os filhos. Recebe-se a neurose através de uma luta política de poder na família, de uma luta de poder na escola, na vida social (há a polícia, o Estado, o exército), de uma luta política no casamento onde existem regras diferentes para o homem e mulher, etc... Era preciso determinar quem era o causador do sintoma.

Assim que se determinou que o causador era o autoritarismo nas relações humanas, ficou evidente que era preciso que uma pessoa tomasse consciência que não podia sair da sua neurose se não adquirisse uma outra consciência que combatesse a praga capitalista.

Quando Reich ainda vivia ele pensava que o marxismo, ao implantar-se na União Soviética pós 1917, iria possibilitar o desenvolvimento do socialismo no mundo e que este iria ser a grande arma de combate dos efeitos neurotizantes do capitalismo. Como se sabe não deu certo. Ele ainda viu que eles voltaram atrás em todos os seus projectos (liberdade sexual "versus" repressão sexual, amor livre, etc ...) e implantaram a ditadura do proletariado. Então, do sonho socialista que podia sobrepôr-se ao capitalismo só sobra o anarquismo.



Quando um cliente vai fazer SOMA tem de passar por uma cura psicológica e ao mesmo tempo tem de adquirir uma consciência libertária para poder enfrentar a sua luta durante a vida inteira.

**UTOPIA** - Depois de desenvolvidas essas técnicas, qual foi a sua aceitação? Quantos grupos se formaram? Como se generalizaram essas práticas no tecido social brasileiro?

**ROBERTO FREIRE** - Foi uma luta terrível. Como a SOMA é um trabalho corporal e em grupo, as técnicas analíticas que trabalham individualmente ou que não mexem com grupos reagiram por um problema de mercado. Eles não sabem que a neurose está no corpo. Eles não lêem Reich. Então eles reagiram através do poder. A psicanálise é o instrumento oficial do burguês capitalista para resolver os seus problemas psicológicos. É algo inodoro, insípido. Pode fazer-se durante 5, 10 ou mais anos. O burguês tem o consolo de encontrar ouvidos. Como tem dinheiro para pagar então é algo que parece que alivia. Passou pois a ser a arma oficial.

A SOMA apareceu como algo concreto, real, com toques verdadeiros, movimentos. Por isso, inicia-se uma campanha difamatória realizada por terapeutas analistas. Só pude comprovar isso quando a *Folha de São Paulo* publica a minha foto no suplemento em que acusavam as terapias alternativas de serem charlatanescas e afirmavam que a única terapia que era positiva e eficaz era a psicanálise. Fomos designados de charlatães. Quando saíu esse suplemento deu para entender que havia um poder da psicanálise sobre a *Folha de São Paulo*.

Depois soubemos de outros casos. Nós nunca respondemos a isso. Uma vez, numa conferência para 1000 pessoas em Porto Alegre, um jornalista perguntou-me se era verdade que na SOMA eu já tinha "comido" todas as minhas clientes. Eu respondi que isso era uma infâmia porque só tinha "comido" as gostosas. Provoquei um certo humor e assim desmoralizei a pergunta. Houve uma repercussão muito negativa nas famílias e no meio científico. Mas eu nunca recebi por escrito uma crítica, nem da parte de psiquiatras nem de ninguém e já há mais de 15 anos que esta terapia existe.

**UTOPIA** - Quantos grupos existem hoje?

**ROBERTO FREIRE** - Temos grupos em 8 Estados do Brasil. Em São Paulo tem 5 grupos, o Rio de Janeiro tem 3. Penso que teremos 15 grupos em funcionamento (com uma média de 20 a 30 pessoas por grupo). O grupo etário vai dos 17 aos 25 anos, embora apareçam pessoas com mais idade.

**UTOPIA** - Para além da SOMA, como terapia, sei que também há edições de livros, publicação do Boletim/Revista "Tesão", produção de vídeos e outros eventos. Como articulam tudo isso?

**ROBERTO FREIRE** - Achei em determinada altura que tinha de apresentar ao público o que era a SOMA em termos científicos. Fiz 3 volumes a partir do livro *SOMA - Uma terapia Anarquista*. O primeiro volume *A Alma e o Corpo* expõe toda a fundamentação científica da SOMA; o segundo volume *A Arma é o Corpo* aborda as técnicas de aplicação das sessões de SOMA, explica como se pratica a SOMA, e o terceiro volume *Corpo a Corpo* constitui uma síntese dos outros dois.

Com estes três livros qualquer pessoa tem todas as informações (bibliográficas, científicas, ...) sobre o que é a SOMA.

A partir de certa altura também sentimos a necessidade de ter uma central. Temos uma casa aqui em São Paulo, a que chamamos a "Casa da SOMA". É uma casa onde 13 grupos praticam capoeira ininterruptamente ao longo do dia. Também produzimos aqui a revista/boletim "Tessão" (sem periodicidade certa, publicamos quando podemos, quando temos disponibilidades financeiras para isso, mas sai 3 a 4 vezes por ano). Fazemos também muitos debates e conferências (onde o Zé Maria já tem participado). Temos inclusivé um curso permanente "*Pedagogia Libertária*", sendo um meio de melhorar a pedagogia no grupo para livrem-se desse autoritarismo gerador da neurose. Este curso já tem 3 anos. Já publicámos um primeiro livrinho designado *Pedagogia Libertária*.

Este ano vamos participar pela primeira vez num encontro nacional sobre terapias que tiveram origem em William Reich. Vai ser realizado em Agosto de 1997 e será patrocinado pela Universidade Católica de São Paulo. Entretanto, estão a ser abertas mais casas de SOMA.

**UTOPIA** - Sendo o Roberto Freire uma pessoa multifacetada e tendo escrito muita coisa - romances, manuais, novelas para TV, etc. - eu sei que agora tem uma nova aventura que é um reencontro com o jornalismo: isto é, a publicação da revista *Caros Amigos*. Fale-nos desse projecto.

**ROBERTO FREIRE** - A televisão é uma grande paixão, é um grande instrumento de comunicação. Pensei (ingenuamente?) que as ideias anarquistas poderiam passar por aqui, mas enganei-me. A televisão impede violentamente a comunicação. O único defeito que a televisão tem, é não ser minha, porque se fosse minha seria o grande instrumento de consciencialização para uma sociedade mais justa. De facto, eu trabalhei em algumas novelas, criei alguns capítulos de *Malu Mulher*. O jornalismo foi uma grande paixão, mas tive de o deixar para me dedicar à SOMA e à militância política. Estou com 70 anos, em termos de saúde estou um pouco cansado, vejo muito mal e o coração está cansado. Então comecei a aposentar-me devagar. Parei com a SOMA, mas tenho cinco assistentes. Achei que a minha vida estava acabando. Aí uns amigos me contactaram para criar uma revista onde pudéssemos exprimir em liberdade o nosso pensamento libertário. Trabalhámos durante seis meses. Investimos sem patrão. Fomos nós os quatro que financiámos a nossa revista com as nossas poupanças. Arriscámos e a revista saíu.

Teve uma repercussão muito boa, está muito bonita, muito interessante. Parece que descobrimos um espaço dentro da imprensa brasileira. Trabalhar para a revista foi como que uma ressurreição. Voltei a me sentir jovem. Voltei a sentir uma alegria muito grande pelo trabalho e cheguei à conclusão de que tudo o que fiz na vida, eu só fiz para dar certo, quando senti paixão. O Zé Maria é igual (põe uma grande paixão em tudo o que faz) e os meus companheiros da revista também. Estamos a fazer jornalismo paixão, o que é uma coisa maravilhosa. Fazer jornalismo burocrático, jornalismo de função, apenas noticiário, como que empurrando a barriga é horroroso.

Já fizémos 3 números da revista, a terceira sai dentro de dias. Da 1ª edição de 50 mil exemplares, vendemos 30 mil. Da 2ª aumentámos as vendas em 10%, e já vendemos 35 mil exemplares. Se continuar tudo a correr bem, esperamos um dia vender 100 mil

exemplares e aí ficamos "ricos". Estamos mesmo combinando passar um Natal e Ano Novo em Lisboa, com o Zé Maria, se isso acontecer.

Uma boa notícia também é que enviámos 5 mil exemplares para Lisboa, como teste para ver se interessa aos leitores portugueses.

É uma sensação muito boa estar a fazer uma revista onde podemos dizer o que queremos e pensamos. E todas as pessoas que escrevem na revista dizem o que pensam. Temos 30 colaboradores e nunca dissémos para eles o que tinham ou não tinham de escrever. Não há a menor censura, não há qualquer pauta. Nós conhecemos as pessoas, sabemos que nenhum fascista, nenhum capitalista burguês escreveria na revista. São pessoas libertárias, alguns anarquistas como eu. As ideias anarquistas saem da análise da realidade, da crítica da realidade. A finalidade da revista é de comunicação popular. Nós escrevemos com o coração, com a cabeça e com os testículos anarquistas.

A aceitação da revista é um índice muito grande do interesse pela abertura anarquista que nós temos.

**UTOPIA** - Bem, Roberto vamos terminar, agradecendo imenso a sua disponibilidade para dar uma entrevista à revista Utopia..

---

(1) "A *Gestalterapia*, como é utilizada na Soma, possibilita o desbloqueio de personalidades neuróticas e favorece o desenvolvimento do potencial humano de cada um dos clientes. A confrontação no grupo, a focalização sobre o presente e a experiência corporal e emocional vividas coletivamente, provocam catarse, aumentam as descobertas interiores e desenvolvem em pouco tempo grande fraternidade" (Ver: Roberto Freire, *SOMA-Uma Terapia Anarquista*, (vol.1), Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, p. 62).